

DO AVESSO OU OS PAÍSES QUE TRAZEMOS CONNOSCO

LUÍSA SALVADOR, 2015

“Mas ainda havia a cartografia da imaginação. A nossa geografia imaginária é infinitamente mais vasta do que a do mundo material.”

Alberto Manguel

No início do século XIX, acaso estivéssemos perante um *mappamundi* encontraríamos certamente lugares longínquos sem nome. *Terra Incognita*. As grandes expedições científicas de Humboldt ou de Darwin ainda não tinham desbravado o interior daqueles lugares. Sabiam-se apenas os seus contornos e limites e, cuidadosamente, foram assinalados.

Um século depois, na véspera de Natal de 1968, o satélite Apollo 8 viajou até à Lua e registou as primeiras fotografias do Planeta Terra. *Earthrise*, a fotografia captada pelo astronauta William Anders, confirmou pela primeira vez o aspecto geral e global do nosso planeta.

Hoje, no século XXI, ligamos o computador e podemos viajar para qualquer lugar do mundo. Os motores de busca têm aplicações exclusivamente focadas no mapeamento de lugares. Em casa, no computador, podemos aventurar-nos a descobrir as profundezas da Floresta da Amazônia ou mesmo espreitar os jardins dos nossos vizinhos. É praticamente impossível perdermo-nos. Existe o GPS que nos informa da forma mais eficaz de chegar onde queremos. Conhecem-se os contornos e formas do mundo. Cada vez com mais profundidade e detalhe sabemos a flora e fauna do que nos rodeia. Dominamos extensivamente a nossa geografia. Já não existem *Terras Incognitas*.

No entanto, nunca antes foi tão necessário encontrar outras formas de cartografias. Incitar novos mapeamentos, que não estejam ancorados em limites geográficos, políticos, económicos ou, até mesmo, culturais. Encontrar novos limites e delimitar outras fronteiras. Nesta conjuntura, Alberto Manguel, no seu *Dicionário de Lugares Imaginários*, encoraja a construção de uma *geografia da imaginação* — “lugares imaginários da mente que não carecem de materialidade para existir na consciência.”

Do Averso ou Os Países que Trazemos Connosco, de Constança Saraiva, assenta nesse pressuposto — a criação de uma cartografia imaginária que é despoletada pela nossa consciência. Partindo de uma metodologia de trabalho cuidada e detalhada, Constança Saraiva tem o intuito de construir mapas que nos interpelem sobre a proveniência do nosso vestuário na actualidade. Encontrar e desenhar os contornos e limites da indústria têxtil, compreender o seu impacto em termos laborais, descobrir os lugares onde as roupas são produzidas e, posteriormente, consumidas. São mapas poéticos, subjectivos. O seu propósito não é tanto de cartografar detalhadamente mas antes de despoletar a nossa sensibilidade.

Os mapas são compostos por etiquetas de vestuário doadas por várias pessoas com quem a artista se cruzou durante a residência no *Edge Arts* em parceria com a *Roulote – Projectos Artísticos*. Partindo de um universo geográfico restrito, a freguesia de Campo de Ourique, onde o *Edge Arts* se situa, os mapas de Constança Saraiva comprometem-se a mostrar a quantidade de geografias distintas que diariamente usando, transportamos connosco, sem disso termos consciência — *Os Países que Trazemos Connosco*. Desenvolveu uma estreita relação com a população da freguesia, desde costureiras, a estudantes das escolas, trabalhadores e transeuntes. A metodologia de trabalho adoptada pela artista, durante esta sua residência, tem portanto um pendor quasi-antropológico. A artista trava conhecimento com a população da freguesia, procedendo à recolha de etiquetas do seu vestuário, estudando e abrindo o seu processo de trabalho a qualquer interessado ou curioso e, posteriormente, partilhando os resultados da sua compilação, através da criação destes mapas.

No confronto com os seus mapas, despoletam-se novas cartografias a partir da temática do vestuário. São mapas cujo sentido nos obriga a constatar que afinal, no nosso quotidiano, não estamos restritos apenas ao lugar geográfico que habitamos.

A artista cria a possibilidade de novas expedições, já não geográficas como as de Humboldt ou Darwin, mas geradas pelo nosso próprio imaginário.

LUÍSA SALVADOR | INVESTIGADORA E ARTISTA PLÁSTICA

Luísa Salvador (Lisboa, 1988) tem Licenciatura em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2009) e Mestrado em História da Arte Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2012). Actualmente é doutoranda em História da Arte Contemporânea também na FCSH-UNL e é investigadora no Instituto de História da Arte. A sua tese de doutoramento foca-se na interacção entre Arte e Paisagem, na sua relação com o caminhar, reflectindo sobre os múltiplos rastros por si gerados. Paralelamente a esta actividade desenvolve a sua prática artística, tendo participado em várias exposições colectivas, e desde 2011 tem desenvolvido colaborações com outros artistas e arquitectos.